

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 227 — Domingo, 13 de Outubro de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio



Telefone 12

Depositarário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

## OS PROBLEMAS DO TURISMO e a sua actualidade

**S**OB a presidência do sr. dr. Eduardo Brazão, Secretário Nacional da Informação, realizou-se no dia 1, no Palácio Foz, a sessão inaugural do VIII Congresso da Associação Internacional dos Peritos Científicos de Turismo, prestimosa organização que ao progresso do turismo no mundo tem prestado inestimáveis serviços, nos mais variados sectores.

Nas reuniões em que participaram cerca de duas dezenas de subdelegados de onze países, entre os quais, além de Portugal, a Alemanha, a Áustria, Checoslováquia, Espanha, França Itália, Jugoslávia, Holanda,

Polónia e Suíça, o tema principal de discussão foi o problema do financiamento do turismo e as suas incidências no campo dos transportes e dos alojamentos.

Perante os delegados, nesta primeira reunião em que tiveram início os trabalhos do Congresso, o sr. dr. Eduardo Brazão proferiu algumas palavras de boas-vindas, tendo acentuado nomeadamente sobre Portugal, País que acolhe à sua velha maneira, abrindo o coração e os braços a todos os que nos visitam:

Sobrevivemos a um período longo de depressão por um sentimento profundo de patriotismo que nunca se apagou; voltámos à vida mercê da obra portentosa dum Homem que ao País se entregou e que o fez ressuscitar. Foi a continuidade governamental, raras vezes alcançada na vida das Nações, que conseguiu este milagre renova-

## Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

### O visitante misterioso

Uma rua plana. E de repente caracola, empina, como um cavalo a quem dessem chicotada valente.

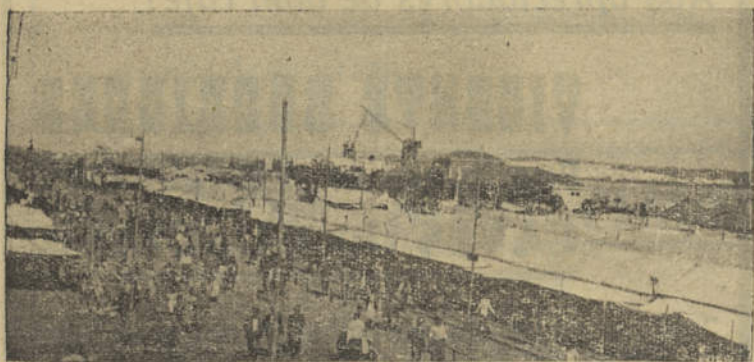
Vou dizer por que gosto dela. Inóvada não sei até quando, a janela do quarto é o meu cinema. Ai me sento a auscultar a vida da cidade. O romance desta rua eis o meu sonho. Não sei se o farei nunca. Deixá-lo. E' tão difícil para uma pessoa como eu escrever romances! Bordados minúsculos, renda de terminar em meia dúzia de dias, está bem. Uns versos, coisa pouca. Sendo floresta, nunca a poderei semear. Semear flores, uma a uma, isso é comigo.

Bem, mas a minha rua... Logo de manhã não imaginam o movimento. O mercado é todo abastecido por ela. O povo desce das aldeias a pé, roçando o flanco dos burros com um galho de giesta. Montes de hortaliça, a estoirar de vitalidade, cabazes enormes repletos de fruta — maçã camoesa, especialmente. E de repente, na manhã clara... Na manhã outonal em que nem uma folha bole... Na manhã em que o silêncio lembra o tapete que se desdobrasse diante do visitante misterioso... De repente, o burrico que trazia as flores, dalias, crisântemos, malmequeres, surgindo no alto da rua. Todo ele flores, radioso arlequin de chouto alegre...

Eu a filosofar molemente... Visitante misterioso... E surge o burrico vergado ao peso das flores... Eu a chocar a tristeza e a topar com a alegria. Entrego-me do coração à dialéctica do Outono.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## FEIRA DA PRAIA



Iniciou-se ontem, nesta vila, a tradicional Feira da Praia, a qual deverá prolongar-se até amanhã.

Tem-se verificado extraordinária concorrência e animação, sendo, segundo afirmam os feirantes, uma das feiras algarvias onde se efectua maior volume de transacções e os divertimentos arrecadam maiores receitas.

## A MULHER ALGARVIA

**E**NTRE as flores mais preciosas desta encantadora Província virada às claridades do Sul, uma há que desabrocha e viceja indiferentemente nas quatro estações do ano — seja numa casinha rústica, entre silvedos, nalgum barranco serrano, ou à beira-mar, em casebre de rendilhada chaminé, branqueando ao sol: é a Mulher algarvia. Verdadeiro poema vivo de graça e de ternura, ela resume, no seu olhar profundo e misterioso, onde se vislumbram atávicas reminiscências árabes, toda a beleza luxuriante deste miradouro sobre a imensidade do oceano, que se estende desde as águas mansas do Guadiana às austeras falésias de Sagres e S. Vicente. Foi dela a última palavra de Fé que ecoou nos ouvidos dos gigantes das Descobertas — e dela, também, foram as lágrimas que acompanharam nos abismos do Mar, como flores de derradeiras saudade, os que tombaram pelo caminho na sublime Aventura. Inspiradora de Artistas e Poetas, acariciada pelo Sol e amada pelo Luar — até as ondas que vêm desfazer-se nas praias, em rendilhados de espuma, lhes

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)



## PONTOS DE VISTA OS CARBURANTES E OS TRANSPORTES ALGARVIOS

por Abel de Campos

**1** AOS raciocínios de Zenão sobre o movimento, Diógenes, o Cínico, respondeu movendo-se. A's idéias de Leibnitz sobre o optimismo, respondeu Voltaire no *Cândido* com a exposição irónica das misérias humanas. A regressão dos que negam o progresso responde-se com o vapor, a electricidade, a aviação, a rádio e a energia atómica. Se o leitor continuar pensando, neste ritmo, com outros exemplos, facilmente compreenderá que a prática («Praxis») é o critério da verdade. A identificação da teoria e da prática, do pensamento e da acção — é a ideia mais comezinha da nossa vida quotidiana e que a nossa ac-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

**U**VIMOS, na passada semana, no Boletim Informativo que nos oferece a Associação Industrial Portuguesa, através da Emissora Nacional, que Portugal já começou a fornecer gasolina refinada a vários países da Europa, o que, embora sendo em pequenas quantidades, dá já perspectivas de grande importância para a economia nacional.

O que nós ouvimos, já há muito o esperávamos, pois o nosso País possui magníficas instalações de refinarias de petróleo, que, pelos seus modernos e actualizados maquinismos, podem rivalizar com muitas refinarias europeias.

A magnífica frota de «Saponata» traz, periodicamente, para Lis-

boa, os seus petroleiros cheios de petróleo vindo das ricas regiões de Angola, desde que aí foram descobertos importantes jazigos do precioso líquido.

Após a descoberta do 1.º jazigo, seguiram-se novas pesquisas, todas elas com óptimos resultados, tendo as perspectivas de uma maior produção sido concretizadas mediante outras sondagens efectuadas em regiões próximas, pondo a descoberto grandes bolsas de petróleo, no subsolo da nossa provincia de Angola.

Assim, os navios-tanques da «Saponata» começaram a trazer para as nossas refinarias grandes quantidades de petróleo em bruto.

O que nos tornou boquiabertos, ao ouvirmos o noticiário da Emissora Nacional, não foi a informação da venda da gasolina a países estrangeiros, pois todos nós estamos bem certos das garantias que oferecem as pesquisas petrolíferas da nossa provincia de Angola; simplesmente, o que nos surpreendeu, é o nosso País estar a fornecer gasolina refinada a países europeus, declarando que o que temos em depósito chega para cobrir abundantemente o consumo nacional, e ainda estamos sujeitos a parte das medidas tomadas quando da crise do Suez!!!

O nosso Governo, numa magnífica medida de precaução, a exem-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

De vez em quando...

## AERÓDROMOS

**Q**UANDO Júlio Verne escreveu a sua memorável obra «A volta ao mundo em oitenta dias» unindo a flegma britânica à volubildade gaulesa, os seus raciocínios deviam ter causado assombro nessa época que não vai ainda muito longe.

Desde então, como o homem

PELO

Prof. TRINIDADE E LIMA

caminha em velocidades que causam vertigens e como o escritor ficaria maravilhado se a elas pudesse assistir! A tanto não chegaria, talvez, os seus vaticínios.

E' sobretudo no ar que ele atinge o que, sem exagero, se pode já chamar de delírio.

Mas, se nestes aviões, os que ultrapassam o som, não há ainda o conforto e a comodidade de quem se senta num maple com a beatitude com que se aninha num recanto de sua casa, outros há em que o bem-estar e, vamos lá, a segurança, são já bastante notáveis.

Cruzam os ares de Portugal muitas carreiras de aviões de diferentes nacionalidades e todos, creio, convergem a Lisboa, que é deste modo um centro cosmopolita de alta importância e excepcional relevo. Ora acontece que nem sempre o aeroporto de Lisboa, por condições atmosféricas inamovíveis, pode rece-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## COISAS DA PRÉ-HISTÓRIA

**J**Á aqui nos ocupámos do homem paleolítico e da sua indústria. Vamos ainda hoje tratar dele, focando os períodos de Aurignac, Solutre, Madeleine e Mas d'Azil que, definindo outras culturas de pedra lascada e instrumentos de osso, constituem,

Pelo Eng.º J. SILVA CARVALHO

no seu conjunto, o chamado paleolítico superior.

As escavações de Aurignac (Alto Garona) forneceram-nos o material que dizemos hoje pertencer à cultura aurinhacense, considerada a mais antiga do paleolítico superior (1), definida, em parte, pela não existência de machados de pedra. Em contrapartida, começam a aparecer certas ferramentas (como raspadores, buris, etc) próprias para o trabalho de madeira e osso, além de muitos objectos fabricados em osso, como agulhas, espátulas e pontos de lança.

E' no aurinhacense que surge a escultura e os primeiros sintomas duma arte figurativa. Supõe-se também que o clima aqueceu nesta segunda etapa da idade da pedra lascada. Em resultado disto, o homem teria abandonado as grutas e as covas que lhe serviam de abrigo. Os campos cobriram-se de estepes, onde vagueavam cavalos selvagens e mamutes.

A este período, assim sumariamente descrito, seguiu-se um outro, revelado pelas escavações de Solutre (apartamento de Saona — Loire), que caracteriza a cultura designada por solutrense, diferenciada da anterior pelo requinte do lascado da pedra (punhais e pontas de lança) e pelo aproveitamento do marfim no fabrico de contas e outros objectos

de adorno. Há quem designe esta cultura por período médio da rena ou do osso.

A natureza do espólio obtido na caverna de Madeleine (ao sul de França) permitiu a determinação da cultura madaleniense, mais progressiva que a cultura de Solutre, apesar do notável retrocesso nos trabalhos em sílex. O machado, vulgar no paleolítico antigo, já não se fabrica. O que com frequência aparece é o osso empregado nos mais variados fins. Por isso mesmo, há quem designe o madaleniense por período moderno do osso ou da rena, considerando, neste caso, a fauna característica. Parece que o cavalo selvagem deu lugar às mandas de renas. O mamute e o rinoceronte desapareceram no fim deste período. A arte, que dissemos iniciada no aurinhacense, continuou a manifestar-se no solutrense, e ganhou verdadeira importância.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## «VOZ DO SUL»

O nosso prezado colega «Voz do Sul», de Silves, festejou, no passado dia 5, o seu 43.º aniversário, motivo por que lhe endereçamos cumprimentos de felicitações, com votos de muitas prosperidades.



apresenta  
**UMA CRÓNICA**  
por semana

**O**S portugueses têm certa dificuldade em computar as divergências relacionadas com problemas ráticos — uma vez que tais problemas são, praticamente, inexistentes entre nós.

Para os portugueses, o negro tem valor semelhante ao branco e ambos podem guindar-se às mais diversas e ilustres profissões ou graus, bastando, para tanto, o estudo conveniente. E' certo que não vimos ainda o negro ocupar lugares de relevante importância, mas parece-nos que essa circunstância depende mais do negro do

que das leis que nos regem — porque todos os portugueses são iguais perante a lei. De resto, a realidade dos nossos territórios ultramarinos serem designados por provincias e nessa qualidade representarem como que um agregado complemento da Metrópole, desde logo nos leva à aceitação dessa igualdade, além de haver todas as possibilidades de existência de negros metropolitanos, não nos constando que para eles haja qualquer lei especial.

Se não vemos os negros ocu-

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Acompanhado de seu filho, sr. agente-técnico João Ricardo Nenê, que já regressou a Lisboa, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Teófilo Rita Nenê.

Acompanhado de seu filho, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante sr. Manuel Fernandes Duarte.

Por alguns dias, encontra-se entre nós, tendo-nos dado o prazer da sua visita à nossa Redacção o conceituado agente de publicidade, em Lisboa, nosso estimado amigo sr. Júlio Paesca.

Acompanhado de sua esposa e gentil filha, retirou para Moncarapacho, onde fixou residência, o nosso estimado amigo sr. Virgílio Ramos Machado.

Encontra-se em Lisboa a sr.ª D. Maria Inês Viegas A'lvares, filha do nosso estimado amigo sr. Manuel Rodrigues A'lvares.

Encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo sr. Damião Carriho Medeiros, residente em Lisboa.

Com seu esposo, sr. Delmonte N. Fernandes de Vasconcelos, que já retirou para Lisboa, veio a esta vila, a fim de assistir ao funeral de sua mãe, a sr.ª D. Pepa Clemente F. de Vasconcelos, que ainda aqui se encontra.

Depois de passar as férias em casa de seus pais, retirou para Castelo de Paiva a sr.ª D. Norma Vaz Pires.

Regressou da sua demorada viagem de estudo a Cabo Verde, África Ocidental Portuguesa, e Itália, o sr. eng.º agrônomo Acácio Madeira Pinto, nosso querido amigo e distinto colaborador.

Já se encontra nesta vila, de regresso da sua viagem a Itália, o nosso prezado amigo e assinante sr. João Folque de Brito, importante industrial de conservas nesta vila.

De visita a seus pais, esteve nesta vila, com sua esposa e filhos, o nosso querido amigo e prezado assinante em Beja sr. Francisco Maria da Cruz Martins.

Acompanhado de sua esposa, sr.ª dr.ª D. Maria Evangelista Cumbreira, foi a Lisboa o nosso estimado amigo e assinante sr. dr. José Gomes Cumbreira.

### Nascimento

No Hospital Marquês de Pombal, desta vila, num quarto particular, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma robusta criança do sexo feminino, a sr.ª D. Ana Maria do Natal Capa Horta Correia Ramirez, esposa do sr. Frederico Manuel Sanches Ramirez.

### Casamentos

Realizou-se há dias, em Lisboa, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria José de Aragão Teixeira Marrecas, distinta professora do Liceu de Beja, filha da sr.ª D. Maria José Duarte de Aragão Teixeira Marrecas e do nosso estimado amigo, distinto jornalista e prezado colaborador, sr. Cândido Augusto Marrecas, agente do Banco de Portugal em Beja, com o sr. dr. António Varela Faria de Araújo Rocha, interno dos Hospitais Civis de Lisboa, filho da sr.ª D. Maria Joana Faria Parreira Rocha e do sr. dr. João Parreira Rocha.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus pais; e, por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Luísa Varela Faria Lopes Colaço, de Serpa, e o sr. dr. Pompeu de Melo Cardoso.

No passado dia 30 de Setembro, realizou-se a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria Adelaide Frade, filha do sr. Francisco José Frade, gerente do Sanatório «Vasconcelos Porto», de S. Brás de Alportel, com o sr. Manuel Medeiros Bravo, filho da sr.ª D. Maria Medeiros Bravo, e do nosso estimado amigo sr. Manuel Bravo Gomes.

Aos noivos, que fixaram residência na Quinta das Cevadeiras, desejamos muitas felicidades.

No passado dia 6 do corrente, na igreja paroquial desta vila, realizou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Felismina Afonso Jorge, filha da sr.ª D. Rita da Cruz Afonso, já falecida, e do sr. José Jorge, com o sr. Francisco Delgado Caçaça Cipriano, funcionário da

Um conto quase verdadeiro ...

## OS BONECOS DA PAREDE

AINDA hoje, ao recordar esta cena passada há anos, acho-lhe uma graça tão espontânea e inérita que me faz sorrir.

Estava como serviçal em casa de meus pais uma rapariga ainda nova, que tinha tanto de esperta como de leviana.

Lembrou-se um dia de pintar, a cores, numa parede do armazém da casa, três bonecos: pai, mãe e um menino ao meio.

Lembro-me que minha mãe lhe chamou a atenção por ter feito tal disparate. Mas os bonecos lá continuavam estampados na parede e tinham até umas medidas avantajadas. Só deviam desaparecer quando o citado armazém fosse caído de novo.

Ela, a salaia serviçal, de certo se ia revendo na sua obra e talvez julgasse ter feito uma artística pintura...

Uma noite, porém, era de Inverno, e toda a família estava a jantar. Eramos bastantes pessoas e conversava-se animadamente.

De súbito, ouvi-se gritar com aflição. Meu irmão mais velho, que estava em férias, corre rapidamente em direcção ao quintal, visto ser de lá que vinham os gritos.

Todos se foram levantando da mesa, e corriam para saber do que se tratava.

Era a criada, correndo e gritando. Desesperadamente, subia as escadas do quintal, no meio das quais se deixou cair com um ataque de nervos.

Socorrida, sem demora, conseguiram trazê-la para cima com bastante dificuldade.

## Falecimentos

No dia 6 do corrente, faleceu nesta vila a sr.ª D. Maria das Dolores Godinho Barão, de 79 anos de idade, natural de Mértola.

A extinta, era viúva do sr. André Barão, e mãe das sr.ªs D. Maria Amália Godinho Barão Passos, D. Judite Godinho Barão Santos, D. Antónia das Dolores Barão Godinho, D. Aura Godinho Barão e dos srs. Francisco Godinho Barão, André Godinho Barão e Manuel Godinho Barão, sogra das sr.ªs D. Pulqueria Gomes Barão, D. Antónia Rodrigues Barão, D. Felicidade de Jesus Barão e dos srs. Francisco Nicolau Godinho, Joaquim Gomes Passos e António Alves Passos.

Também no dia 6 faleceu nesta vila a sr.ª D. Matilde Clemente Fernandes, de 68 anos de idade, natural desta vila.

A falecida era casada com o sr. José da Conceição Fernandes, e mãe das sr.ªs D. Olga Clemente Fernandes Geneslay, D. Josefa C. Fernandes Vasconcelos, D. Dolores C. F. e Fernandes, D. Maria Candelária C. F. e Fernandes, e dos srs. José da C. Fernandes, Narciso C. Fernandes e Manuel C. Fernandes, e sogra das sr.ªs D. Etevínia Rodrigues dos Anjos Fernandes, D. Inácia Luís Bento Fernandes, D. Maria Elena Pires Fernandes e dos srs. José Guilherme Geneslay, Delmonte Notasso Fernandes de Vasconcelos, Tiago Samúdo Fernandes e Avelino Luís Fernandes.

A's famílias entuladas, apresenta o «Notícias do Algarve» sentidas condolências.

Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, em Beja, filho da sr.ª D. Valentina Delgado Caraça Cipriano e do sr. Manuel Cipriano, conceituado comerciante desta vila.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, sua prima, sr.ª D. Catarina Afonso Paulino, e seu tio, sr. Manuel Afonso Junior; e, por parte do noivo, o sr. Bernardino Baptista Delgado, piloto da Barra do Rio Guadiana, aposentado, e sua esposa, sr.ª D. Maria da Encarnação Cardoso Delgado.

Ao novo casal, «Notícias do Algarve» deseja muitas felicidades.

A rapariga torcia-se e gritava, abrindo de vez em quando os olhos, onde estava estampado o medo.

Todos perguntavam qual a razão do sucedido mas ninguém dava com a causa. Só passadas muitas horas é que foi possível à rapariga começar a falar, mas era desacertadamente.

O caso já ia inspirando cuidados, pela demora tão prolongada daquele estado letárgico.

No entanto, o tratamento que lhe ia sendo aplicado foi, pouco a pouco, actuando até que a serviçal pareceu mais serena.

Então, minha mãe, com suavidade, foi indagando o que lhe tinha acontecido para ter o ataque.

Ela, olha espavorida, e exclama com veemência:

— Ia ao armazém e ao entrar vi lá três pessoas!...

Fora vítima da sua brincadeira, visto ter defrontado, unicamente, com os três bonecos que ela própria pintara, por gracejo, na parede.

No dia seguinte, desesperada por ter caído na rede que ela lançara, foi com um pincel cair a parede e fazer desaparecer os perigosos bonecos que tanto susto lhe meteram.

Acontece, com frequência, na Vida, cenas violentas, mas que têm por base bonecos pintados em paredes!

Os bonecos e as paredes, contudo, são imagens vivas copiadas das paredes do nosso cérebro e dos bonecos da nossa imaginação.

A fonte criadora dos artistas é inesgotável, mesmo em seres ignorantes. Sobre a secretária, onde às vezes transmito ao papel as minhas meditações, existe uma ponta de marfim (pequeno dente de um grande elefante), que meu pai trouxe do sertão do Congo, onde a arte primitiva dos pretos tem a sua originalidade e um acentuado cunho artístico.

Mulheres, peixes e aves aparecem na sua nudez erótica. Na extremidade do marfim, uma cabrinha indígena fita a pastagem a seus pés. Esta arte sertaneja, a que os pretos designam por feitiço, é originada pelo próprio instinto do homem.

Na África, na Ásia, na América ou mesmo na Europa, toda a arte se desenvolve dentro da inspiração do artista, pobre ou rico de sentimento e firmeza de traços.

Foi assim que eu vi na minha infância, nas escarpas e nos campos que circundam a Praia da Rocha, ao Mestre João Vaz pintando marinhas, ao Mestre Falcão Trigoso amendoieiras floridas e ao Mestre Eduardo Malta pescadores algarvios, sem falar em duas ou três senhoras que também vinham pintar ao ar livre, nesta idílica mansão do Sul...

### Natércia Algarve

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

### AOS PEQUENOS CAPITALISTAS

Organização, com Sede em Lisboa, de larga e segura actividade, com as melhores referências comerciais e bancárias, ACEITA pequenos empréstimos, garantindo em absoluto capital e juro mensal ou anual.

Carta com indicação das verbas a este Jornal às letras J. M.

— 1 E —

## PROTECÇÃO à população rural

É PRECISO provar, sem sombra de dúvida, ao nosso trabalhador rural que não foi esquecido pelo Governo da Nação.

Indivíduos pouco escrupulosos vieram de incutir-lhe em mente que apenas os operários dos grandes centros urbanos têm sido protegidos e acarinados; que só estes têm merecido da parte do Estado regulamentação apropriada de trabalho, segurança social e previdência, casas económicas, higiênicas e confortáveis. Ora bem; isto não só não é honesto, como tão pouco é a verdade.

Se os operários têm seus sindicatos, o rural tem sua casa do povo, com suas regalias e garantias, e seus horários de trabalho, segundo a estação que corre, o que é natural. E para não haver qualquer tratamento de preferência, está o Governo empenhado-se numa política agrária acertadíssima, procurando encontrar, para a pequena exploração agrícola, «novas formas que lhe assegurem uma existência duradoura, designadamente permitindo que se estabeleça, em certas condições, a favor das famílias, um pequeno património indivisível, impenhorável, inalienável, voluntária ou coercitivamente».

Haja em vista, por exemplo, o Dec. 36.709, de 5 de Janeiro de 1948, regulamentando a lei 2.014, que, no seu Art. 1.º, estipula que «A Junta de Colonização Interna promoverá o aproveitamento dos baldios, reservados ou a reservar, e dos terrenos que adquirir ou lhe forem entregues pelo Estado, designadamente nos termos da lei n.º 1949, de 15 de Fevereiro de 1957, com vista à sua completa utilização e à fixação do maior número de famílias que

neles possam convenientemente instalar-se».

Ora este aproveitamento far-se-á, entre outras formas, pela instituição de casais agrícolas, que mais não são que o conjunto de casa de habitação, com dependências adequadas à exploração rural, e por terrenos de área suficiente para a manutenção de uma família média de cultivadores. Também neste ponto se não poderá dizer que ao operário da cidade foram oferecidas maiores garantias.

Mas não fica por aqui a actividade do Estado Corporativo. Consciente de que a agricultura tem sido sempre um meio de vida modesto, facilmente sujeita a consideráveis desniveis de preços, com fortíssimo risco para o agricultor, que se não pode, por isso, dar ao luxo de introduzir quaisquer melhoramentos palpáveis, vai mais longe, fornecendo-lhe um expedito abono de capitais, para melhoramentos fundiários de teor agrícola, «com uma pronta e gratuita assistência técnica, destinada a garantir-lhe remuneradora aplicação».

Assim, pela lei 2.017, de 25 de Junho de 1946, o Estado, pelo Ministério da Economia, e por intermédio da Junta de Colonização Interna, prestará assistência técnica e financeira aos produtores agrícolas, cooperativas de produtores e grêmios da lavoura, para execução de melhoramentos fundiários, que tenham por fim manter ou aumentar a capacidade produtiva da terra ou facilitar a sua exploração, designadamente nos seguintes casos:

Captação, elevação ou distribuição de águas destinadas a rega ou abastecimento das explorações agrícolas; ampliação ou correcção de sistemas de rega já existentes; adaptação e conversão de terrenos a regadio; enxugo, dessalgamento, despedregação de terrenos e correcção de solos; regularização de leitões e margens de cursos de água e defesa contra inundações ou erosão; construção ou melhoramentos de silos, nitreiras e abrigos para gado; edificação, ampliação e melhoramento de habitações, cantinas, refeitórios e postos de socorros urgentes médico-cirúrgicos para o pessoal que sirva permanente ou eventualmente nas explorações agrícolas; construção, apetrechamento e aperfeiçoamento de instalações agrícolas e de oficinas destinadas a indústrias anexas às explorações, etc., etc.

Entretanto, o Governo não se mantém, estática e comodamente, embasbacando-se diante do que foi possível fazer.

A criação das primeiras quatro Corporações, entre as quais a da Lavoura, merece um particular interesse, e a autorização das Federações das Casas do Povo bem vêm revelar a todos qual é a decisiva orientação estadual no concernente à colaboração com a iniciativa privada no intuito de proteger as populações rurais.

### A. Boaventura

## CINE-FOZ

Hoje — Exibe-se o filme português: UM HOMEM DO RIBATEJO. O extraordinário drama da vida do Ribatejo, com um grande conjunto de artistas portugueses: Barreto Poira, Eunice Muñoz, Costinha, etc.

Terça-feira — O forte drama italiano: OS FILHOS NÃO SE VENDEM, com Lea Padovani e Antonella Lualdi.

Quinta-feira — O último filme português, ainda em exibição no Eden: DOIS DIAS NO PARAÍSO, com Virgílio Teixeira e Milú.

Aos apreciadores de bom café!

## VICENTE RODRIGUES

Proprietário do RESTAURANTE

## CAVES do GUADIANA

Tem o prazer de participar a todos os seus CLIENTES e AMIGOS que no desejo de melhor servir, adquiriu a moderna máquina LILLIPUT 55=(de La Pavoni)

que funcionará dentro de poucos dias

## AGENDA

MOVIMENTO DA BOIA de Vila Real de Santo António De 5 a 10 de Outubro:

### TRAINEIRAS

Maria Rosa . . . . .	51.280\$00
Janita . . . . .	33.740\$00
Agadão . . . . .	32.560\$00
Tozé . . . . .	24.185\$00
Aldita . . . . .	22.125\$00
Infante . . . . .	17.365\$00
Conceição . . . . .	16.820\$00
Audaz . . . . .	15.625\$00
Novo S. José . . . . .	13.410\$00
Vulcão . . . . .	8.250\$00
Raulito . . . . .	4.460\$00
Triunfante . . . . .	4.185\$00
Liberta . . . . .	4.070\$00
Leste . . . . .	1.510\$00
Jomanel . . . . .	980\$00
Total . . . . .	250.565\$00

### CERCOS

Amazona . . . . .	22.575\$00
-------------------	------------

MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António De 5 a 11 de Outubro:

### Entrados:

PASAJES, Alemão, de 1.372 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.  
MADALENA, Português, de 1.198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.  
MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, com adubos.  
FRAMAR, Italiano, de 499 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.  
ZE' MANEL, Português, de 920 ton., de Lisboa, vazio.  
MANELICA, Português, de 86 ton., de Tânger, arribado com avaria no motor.

### Saídos:

PASAJES, Alemão, para Hamburgo, com conservas.  
MADALENA, Português, para o Funchal, com sal.  
FRAMAR, Italiano, para Livorno e Génova, com conservas.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 12 a 18 de Outubro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal — Telefone 31.

Assinal e propague «Notícias do Algarve»

### Seja económico

Poupe muito dinheiro

### PREFIRA A

## TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

Simples ou ... com água  
Peça em toda a parte...



Prefira a melhor...  
Prefira Kopke



**POR UM MAIOR CINE-CLUBISMO ALGARVIO (1)**

CINE-CLUBISMO em Portugal nasceu há doze anos, com o aparecimento, em Abril de 1945, do Cine-Clube do Porto. Dez anos volvidos, precisamente a 22 de Março de 1955, o Algarve é atingido pelo movimento que, desde então, se tinha vindo a desenvolver pelo País fora.

Esta data marca a entrada em actividade do Cine-Clube de Vila Real de Santo António, que se fica devendo ao trabalho de Sebastião Silva, Luís Glória Coelho e Emilio Ferreira. A vila pombalina tem, portanto, a honra de ser a primeira localidade algarvia a aderir à campanha dos cine-clubes portugueses. Um ano mais tarde, em Fevereiro de 1956, aparece o Cine-Clube de Faro; e, alguns meses mais tarde — Novembro do mesmo ano — o de Olhão.

Desta forma, passa o Algarve a contar com três clubes de cinema em actividade, o que, podendo parecer-nos muito, à primeira vista, dado o reduzido tamanho da província e o seu afastamento dos grandes centros culturais do País, não o é, posto que, dos seus três cine-clubes, dois deles, o de Vila Real de Santo António e o de Olhão ainda, até agora, não passaram duma primeira fase de ambientação, mau grado o entusiasmo das respectivas direcções.

Em Faro, porém, tem-se provado que o cine-clubismo é possível no Algarve. Em pouco mais de um ano, a actividade desenvolvida pelo Cine-Clube de Faro situa-se, desde já, no primeiro plano dos cine-clubes portugueses. Na realidade, a média regular de três sessões por mês (ordinárias, extraordinárias, recomendadas e infantis), devidamente comentadas e programadas, dão bem conta de um trabalho consciente, de uma vontade firme e esclarecida que anima os dirigentes do Cine-Clube de Faro.

E' pouco, todavia. Podemos mais ainda. O cine-clubismo algarvio, se conseguir canalizar conscientemente o interesse dos nossos públicos pela causa do cinema, pode dar que falar. Basta, para tanto, que, aliado a um recrudescimento de actividade dos cine-

clubes de Olhão e Vila Real de Santo António (ao que sabemos, ambos têm necessidade imediata de uma propaganda sensata no sentido de aumentar o número de sócios), apareçam, nalgumas das restantes terras algarvias mais importantes, novos clubes a aumentar o interesse pela acção cine-clubista.

Estão, neste caso, as cidades de Portimão e Lagos. Ambas têm no seu seio forças interessadas, que até aqui têm esbarrado de encontro à resistência passiva do comodismo. Para a anular, é preciso que essas forças se lancem ao trabalho com afinco, sem mollezas que desistam às primeiras contrariedades. E' preciso ainda que a Imprensa lhes dê o seu incondicional apoio, fazendo despertar o interesse adormecido dos públicos por esta questão, que, como todas aquelas que têm a cultura por espinha dorsal, necessita de ser imposta.

Sabemos (infelizmente não por experiência própria) quanta incompreensão se torna necessário remover para o lançamento do primeiro número de um jornal, a inauguração de uma exposição de arte, o aparecimento de um livro de autor desconhecido nos escaparates das livrarias. Sabemos que é maior, pelo menos, que o necessário para tornar realidade um campo de futebol, um baile de caridade ou uma festa com a colaboração dos «distintos artistas da nossa Rádio e Cinema».

Mas precisamente aí é que se encontra a dificuldade, que o caminho restante, uma vez este vencido, se encontra já mais ou menos aplainado.

Portimão e Lagos devem, portanto, pensar muito a sério na criação dos seus clubes de cinema — e trabalhar para isso. E' uma necessidade que se lhes impõe, se não querem desde já ficar ultrapassadas por outras localidades de muito menor importância.

**Gandelas Nunes**

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.

**VILA REAL DE SANTO ANTONIO FUTEBOL VILA REAL DE SANTO ANTONIO**



**Campeonato Nacional da II Divisão (Zona Sul)**

**OS TRÊS GRUPOS ALGARVIOS ESTÃO COM OS MESMOS PONTOS NO CIMO DA CLASSIFICAÇÃO**

Farense, 2 — Portimonense, 1

Em Faro, disputou-se, no passado domingo, o renhido encontro entre o Sporting local e o Portimonense.

Até à meia hora, os visitantes disfrutaram de vantagem territorial, tendo, entretanto, alcançado excelente tento, a condizer com a fisionomia da partida.

Os visitados limitavam-se, por assim dizer, a uma toada defensiva, labor que conseguiu o seu objectivo, já que até ao intervalo o marcador não sofreu alteração.

No segundo meio tempo as coisas modificaram-se grandemente, pois o quinteto dianteiro dos locais passou a jogar mais no meio campo dos adversários. As oportunidades de golo foram surgindo, se bem que mal aproveitadas e o triunfo acabou por sorrir aos «leões» de Faro, com justiça.

**PESCA SUBMARINA**

Realizou-se em Peniche o Campeonato Nacional de Pesca Submarina, que reuniu 35 concorrentes. O número de peças de peixe capturadas foi de 366, num total de 460 quilos!

O Centro Português de Actividades Submarinas ganhou o Campeonato Nacional por equipas. Quando será que no Algarve, província magnífica para a prática deste desporto, se realizará um Concurso de Pesca Submarina?

**PESCA DESPORTIVA**

Promovido pela secção de pesca do Sport Algés e Dafundo, realizou-se hoje um interessante concurso de pesca desportiva em água doce, no Paul de Magos.

As taças para esta competição são em número de 60!

**HOQUISTAS MOÇAMBICANOS NO BENFICA**

A equipa moçambicana de hóquei em patins, que tem efectuado vários jogos no nosso País, tem atraído a atenção dos principais clubes de Lisboa, dado o seu valor e o brilhantismo das suas vitórias. Vários grupos lisboetas têm proposto a alguns jogadores laurentinos o ingresso nas suas fileiras.

Os boatos que mais se confirmam é o do ingresso de Velasco e Adrião na equipa do Benfica.

**PROVAS NAUTICAS EM LAGOS**

Conforme tínhamos noticiado no nosso último número, realizaram-se no passado domingo as provas náuticas do «Dia do Homem do Mar» na cidade de Lagos.

Os concorrentes, em número de 17, dividiram-se em classes de Lusitos, Moths e Snips.

O Clube Náutico fez-se representar apenas na classe de «Snips», com um «Snip» comandado por César Machado, em timoneiro, e Norberto Leitão em proa.

Dentre os 7 concorrentes que participaram na prova, ficou o «Snip» vilarrealense em 3.º lugar, o que muito honra a nossa terra.

O primeiro lugar coube ao Centro de Vela da Mocidade Portuguesa de Olhão.

**O SPORTING**

val de frontar o Valência

Os dirigentes do Sporting e do Valência estão em negociações no sentido de efectuarem dois encontros de futebol, um em Portugal, outro em Espanha, logo que as interrupções do Campeonato Nacional o permitam.

**NOVO REFORÇO para o Torriense**

Além do ex-sportingista Galileu, o Torriense acaba de contratar o espanhol Xavier Cárcamo, que conta 25 anos. O novo reforço jogou no Múrcia, da 1.ª Divisão de Espanha, e actuava, até há pouco, no Eldensen, equipa da zona de Valência, que disputa o campeonato da 2.ª Divisão.

O jogador espanhol, a quem foram feitas boas referências, ocupará, provavelmente, o lugar de avançado centro.

Atlético, 2 — Olhanense, 5

Na Tapadinha, o Olhanense deu recital... através de uma exibição que define com clareza uma equipa de futebol. Na realidade, os algarvios revelaram uma personalidade um tanto difícil de encontrar num «onze» português.

A equipa parecia impulsionada por uma mola; os lances desenrolavam-se com precisão matemática, vendo-se todos os elementos em movimento, procurando os espaços vazios. Mas esse sentido tornava-se mais notado nos cinco atacantes, todos bons dominadores da bola e com clara visão dos golpes a desferir. Simplesmente, a sua manobra era contrariada por um homem — Orlando — a «pedra-mestra» da frágil defesa de Alcátara, que, desta vez, surgiu a defesa central.

Outros resultados  
Coruchense, 2 — Montijo, 1  
Juventude, 2 — Almada, 0  
Montemor, 3 — Serpa, 1  
Portalegrense, 1 — Arroios, 3  
Beja, 5 — Estoril, 2

**Classificação**

OLHANENSE	8 pontos
FARENSE	8
PORTIMONENSE	8
Desportivo de Beja	6
Arroios	6
Montijo	5
Juventude	5
Atlético	5
Montemor	5
Coruchense	4
F. C. Serpa	4
Almada	3
Estoril	2
Portalegrense	1

Jogos para hoje

Montijo-Beja, OLHANENSE-Coruchense, Almada-Atlético, Serpa-Juventude, PORTIMONENSE-Montemor, Arroios-FARENSE e Estoril-Portalegrense.

**Resultados da Zona Norte**

Covilhã, 5 — Guimarães, 1  
Boavista, 4 — Tirsense, 0  
Gil Vicente, 1 — Vila Real, 1  
Sanjoanense, 3 — Leixões, 1  
Marinhense, 3 — Vianense, 1  
Chaves, 6 — Peniche, 3  
Espinho, 5 — Os Leões, 1

Jogos para hoje

Vila Real-Espinho, Leixões-Gil Vicente, Vianense-Sanjoanense, Guimarães-Marinhense, Tirsense-Covilhã, Peniche-Boavista e «Os Leões»-Chaves.

**UM TORNEIO-RELÂMPAGO DE FUTEBOL**

No campo do Lusitano Futebol Clube realiza-se no próximo domingo, dia 20 do corrente, uma interessante prova desportiva: a efectivação de um torneio-relâmpago em futebol, com a participação dos clubes populares Celeiro, Beira-Mar, Guadiana e Leões do Sul, este, da vizinha povoação de S. Bartolomeu e que vem fazer a sua estreia futebolística em Vila Real de Santo António.

Será disputada uma artística taça, que ficará na posse definitiva do grupo vencedor do Torneio.

A notícia da realização deste festival desportivo provocou já um justificado interesse nos meios desportivos locais, não só pelos moldes de disputa, que saem do «modus vivendi» habitual, mas também, por se tratar de uma organização da comissão para obras no campo do Lusitano, para cujo fundo privativo revertirá o produto da festa.

O Torneio compreende a realização de dois jogos a eliminar e um de final entre os apurados, havendo, para este último, o atractivo de, na hipótese de ser necessário recorrer-se a desempate, disputar-se nos moldes da Taça Latina, isto é, por períodos sucessivos de 10 minutos até que uma das equipas obtenha o golo de desempate.

O início do Torneio está marcado para as 14 horas e é de esperar que os jogos sejam presenciados por farta assistência, a avaliar pelas notícias de que tanto o Beira-Mar como os Leões do Sul se farão acompanhar por numerosa «falange», que apoiarão os seus grupos à conquista do título de «Campeão do Torneio-Relâmpago Popular de 1957».

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

**A CASA SIMON**

**VOLTA À PRAÇA**

**MARQUÊS DE POMBAL**

O conhecido industrial e comerciante José Domingues Vieira Velasco acaba de prestar útil colaboração à nossa vila, dando-lhe um moderno estabelecimento de tecidos e modas, digno de uma capital.

Com esclarecido critério decorativo e notável sentido de organização, transformou o amplo salão da Praça Marquês de Pombal numa mostra permanente, que valoriza extraordinariamente a nossa sala de visitas, paupérrima de cunho comercial.

«Notícias do Algarve» tem o maior prazer em noticiar o facto, que mostra quanto vale o entusiasmo de um vilarrealense que, dia a dia, dá exemplo de tenacidade e confiança no futuro, construindo, caminhando lenta mas acertadamente.

Milhares de pessoas passaram pela nova Casa Simon e muitas, certamente, pensaram que o seu proprietário se excedeu em por menor ou requinte, dada a característica oscilante do património da maior parte dos nossos conterrâneos, e, para esse pensamento, só uma resposta pode haver — é que os homens amigos da sua terra, tratam-na carinhosamente, oferecendo-lhe o melhor do seu esforço.

O Tempo, que não pára, mestre admirável, destrói ou robustece.

Um dia, José D. Vieira Velasco achará pequena a obra e tentará torná-la maior, sem se preocupar com as energias que vai perdendo em cada ano de labuta.

E' assim que as regiões se valorizam e se atinge aquilo a que se convencionou chamar progresso.

Este nosso querido amigo pode olhar a sua nova casa com satisfação e recordar nela a figura do seu pai e dele falar a seus filhos, que agora comecem a estar preparados para compreender a grande lição da vida.

**A MULHER ALGARVIA**

CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA) dizem madrigais e fazem confidências.

João Lúcio, o lírico algarvio que amou o belo com a fé de um iniciado, escreveu, certa vez, enfeitado pela magia do seu olhar: «Deus criou o sol num dia / E noutro fez o luar. / Mas para fazer os teus olhos / Levou um ano a pensar.»

E ficou perfeita, sem dúvida, a obra do Criador.

**Uma crónica por semana**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

parem na vida pública portuguesa um lugar proeminente, não nos parece que seja devido à constituição, mas ao facto dos negros não terem ainda atingido a liderança que os coloca entre os homens de pele branca.

No que respeita a outras raças, não é tão acentuada a diferença, e não raro deparamos com indianos e judeus entre as figuras mais representativas do nosso país. E isso será, certamente, um eloquente exemplo de que também a raça negra poderia encontrar predominância entre nós.

E' possível que o atraso gigantesco da raça negra — por culpa própria ou alheia — tenha a responsabilidade do facto. Seja, porém, como for, a circunstância de não vivermos qualquer problema racial; desde logo nos coloca em dificuldade para apreciar calmamente e sem partidatismo problemas desta espécie que afectam outras nações.

Os Estados Unidos da América debatem-se neste momento — e nem Lincoln pensaria que isso se tornasse possível tanto tempo decorrido depois da luta que gloriosa e humanamente travou para que todos os americanos, fosse qual fosse a sua raça, fossem iguais — com um dos mais graves problemas da sua história, aquele precisamente que os levou, no passado, à guerra civil e que serve agora de semente de discórdia entre os seus filhos e enormemente os ameaça no conceito de nação democrática e tolerante, que pretende empunhar o facho da liberdade e igualdade dos povos e das raças perante a justiça e os direitos imutáveis do homem.

O problema existente nos Estados Unidos não é de hoje nem ficou resolvido com a guerra civil. Uma guerra não serve para impôr o que é justo, pela inteligência. Uma guerra não esclarece os indivíduos; é, apenas, um acto de força pelo qual o vencedor impõe a sua «razão» e o vencido a aceita, ressentido e disposto a desforrar-se na primeira oportunidade.

Seja um conflito de raças ou de nações, de interesses privados ou colectivos, a razão só pode ser aceite e compreendida pela inteligência. A força obriga mas não vence, e muito menos convence. E isto é igual para pretos ou brancos. E, tendo sido uma razão de luta no passado entre os *sultans* e os *notistas*, há-de continuar a ser no presente, a mesma razão de luta entre brancos e pretos, sobretudo quando os negros, como acontece na América, atingiram já um elevado grau de consciencialização.

Para a nossa mentalidade, a segregação é uma estupidez. A reutilização do branco em admitir no seio das suas escolas ou da sua sociedade o negro é o reconhecimento tácito da sua incompetência de luta com o negro, é a admissão pura e simples de que a inteligência e capacidade do negro pode muito bem ser superior à sua. Nós, portugueses, seguimos o método, muito mais esclarecido, de colocar o negro em igualdade connosco e partir dos mesmos pontos para atingir os mesmos resultados. Brancos e negros, todos somos homens e todos temos uma inteligência. O triunfo está nas mãos daquele que for o melhor. A raça não interessa porque é igual a todas as outras. Em cada raça há sempre bom e mau. O que importa é colocar ao serviço da nação, para seu progresso e engrandecimento, os mais capazes dos homens, sem olhar às suas raças, desde que tenham a mesma nacionalidade nata. Se os brancos têm orgulho na sua raça, esforcem-se por valer mais do que os negros. Aliás, não lhes será difícil porque têm em seu favor uma civilização milenária e uma predominância que vem dos confins da humanidade.

Certos homens e mulheres nos Estados Unidos estão dando perante nós um triste espectáculo. E' possível que tenham as suas razões. A sua mentalidade não é, felizmente, a nossa. O problema racial que subsiste

nos Estados Unidos não pode ter no nosso País o mesmo significado, não só devido às leis que nos regem como, principalmente, ao facto de os negros portugueses estarem concentrados, na sua maior parte, nas províncias ultramarinas. Nos Estados Unidos, os negros representam uma parte da população e nela estão integrados, embora relegados para um plano obscuro, e comumente olhados como seres inferiores e desprezíveis, vivendo em comunidades separadas.

No Brasil, onde a predominância dos negros é notória como nos Estados Unidos, já não existe um problema racial de tão agudas consequências. Talvez porque o Brasil tenha de nós herdado um exemplo magnífico, o problema das raças não complica o funcionamento do Estado, e brancos e negros se empenham no engrandecimento do País. Mais no Brasil do que em nós, os americanos poderão encontrar as sugestões convenientes à solução de um problema de tão vital importância e que tanto afecta o seu prestígio internacional.

Os homens responsáveis da livre América do Norte, têm de demonstrar um espírito de ampla compreensão e estar de acordo com as ideias que norteiam a constituição do seu país.

Não é de aceitar que governadores coléricos e tacanhos como Faubus possam representar qualquer Estado num país que é pioneiro da paz no mundo pela justa compreensão, cooperação e amor entre os povos.

José dos Santos Marques

**JÚLIO PADESCA**  
PUBLICIDADE GERAL  
Estudos—Produção Corretagem  
TELEFONE 55480  
Rua de Santa Marta, 76 — LISBOA

**Fábrica de Conservas de peixe**  
Com alvará e a trabalhar, vende-se na Ilha do Pico (Açores).  
Pedir esclarecimentos por escrito à redacção deste jornal.

**MOTOR MARÍTIMO**  
VENDE-SE  
Marca «ATLAS IMPERIAL», Diesel 120 C.V., 400 r.p.m., 4 Cilindros, inversão de marcha: directa, arranque a ar, estado novo (6/8 horas de trabalho)  
Ver e tratar na Rua Augusta, 281-2.º D.º — LISBOA

dor. Foi a politica, tão esclarecida, do Presidente do Conselho, Prof. Oliveira Salazar, que tornou possível essa continuidade construtiva.

E como o País tem incontestáveis condições turísticas, sobre ele incidiram os olhares curiosos dos que têm assistido, de longe, a esta permanente ascensão, a esta vida calma, segura, sem ódios nem divergências fundamentais e onde o único objectivo de todos é a recuperação do seu prestigio antigo em tantos pontos já alcançado.

No entanto, vêem V. Ex.ªs apenas uma parte de Portugal, mesmo que tivessem oportunidade de o visitar desde o Minho até ao Algarve. E' que o meu País não se confina a esta velha Europa — atravessou os oceanos e foi-se dispersando e fixando em vários continentes: Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, no Continente Africano; Goa, Damão e Diu, com os seus enclaves, na Índia; Macau, na China; Timor, na Oceania. São todos estes, pedaços de Portugal mas unidos a ele numa única peça tão solidamente construída que impossível será dizer qual das suas parcelas é mais portuguesa.

E o Brasil, nossa criação e hoje nosso mais legitimo orgulho de construtores, pertence cada vez mais à comunidade luso-brasileira, que não distingue, em principio, nacionais nem interesses separados.

Durante as primeiras sessões de trabalhos foram apresentados relatórios sobre temas de turismo, trabalhos de bastante complexidade e importância que constituem um exemplo da feição científica que o turismo está assumindo nos nossos dias.

Visado pela Comissão de Censura

PONTOS DE VISTA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tividade a cada passo pressupõe.

2 O MENINO «bem» tem as seguintes características: Um amor tirânico pelos irracionais, especialmente pelos «lobos de Alsácia», usa gravatas americanas e fatos ingleses, atrai aos pombos, lê romances policiais, joga o «golf», acompanha as meninas «bem», flerta com a M e com a N e acaba por casar com a I, que tem um palacete no Estoril e lhe chama o «seu louquinho», com muita meiguice.

3 NOS acontecimentos deploráveis em que a segunda guerra foi fértil, muitos homens se preocuparam com descobrir de que lado estava o Direito e de quem partiam as ofensas do Direito. Esqueceram-se de que a história nos ensina a ver no imperialismo uma etapa histórica fatal, o coroamento de um processo evolutivo inevitável. Se conhecessem melhor o seu tempo, esses homens teriam visto que Melraux teve razão ao chamar-lhe o «tempo do desprezo». Teriam compreendido, então, que o Direito nada tem a ver com a violência organizada em vista dos fins secretos dos imperialismos rivais. Mas esses homens estavam demasiado longe das preocupações materiais quotidianas, que hoje persistem ainda e com maior acuidade, do «grande crime que pairou sobre o mundo», para poderem comungar com os que sentiam, e ainda hoje sentem, na própria carne e não apenas no espirito ou no esqueleto das ideias morais, os golpes de gládio do tempo do desprezo.

Abel de Campos

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

COISAS DA PRÉ-HISTÓRIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

portância no madaleniense, sobretudo na península ibérica, onde todas as pinturas são deste período, incluindo as célebres de Altamira e das grutas das Astúrias e Santander.

A idade da pedra lascada termina com a cultura aziliense (nome proveniente da gruta de Mas d'Azil). Este período, atendendo aos objectos encontrados, é genuinamente paleolítico, isto é, de pedra lascada, devendo-se ainda notar que os objectos de pedra do aziliense não diferem dos encontrados no madaleniense. A grande diferença entre estas duas culturas está no osso, que, agora, é empregue no fabrico de certas peças típicas, como sejam os arpões. Na fauna deparamos animais que nos são familiares, sendo frequente o javali. A escultura é rara, mas, pelo contrário, a pintura aparece bastante, executada nas cores vermelha e negra.

Tratada, neste rápido relance, a pedra lascada, vamos, agora, entrar no neolítico, ou seja, a idade da pedra polida. Confesso, contudo, que neste início me sinto bastante atrapalhado. E por isto: O assunto é demasiado difícil de pôr num despretensioso artigo de jornal, em linguagem simples, de modo a dar uma ideia geral que prevaleça sem sobrecarregar para a memória do leitor.

Indubitavelmente (seria desnecessário dizê-lo), a idade que acabamos de deixar distingue-se daquela onde agora estamos, pelo modo de trabalhar a pedra. Mas há outras diferenças, muito mais importantes até, se encararmos o ponto de vista social. No neolítico, o homem fixa-se ao solo; não abandona os seus mortos em qualquer lugar deserto, nem foge sentindo aproximar-se o inimigo. Já compreende a utilidade do amanho das terras; e, assim, inicia a agricultura, pondo a casa num plano secundário. Fixando-se junto das suas fazendas, ele sente a dificuldade de as defender das arremetidas de povos inimigos; e, nessa ideia, constrói as primeiras obras militares e lança as bases dos primeiros agregados urbanos. Do mesmo modo, os mortos passam a ser objecto de culto dando origem a monumentos funerários.

Ao lado da agricultura nasceu a arte de construir necrópoles, obras militares e habitações. Por tudo isto, o neolítico marca lugar importantíssimo na escala do progresso humano. E' esta a ideia mestra que será preciso guardar.

A transformação das tribos de

nómadas em sedentárias, situou estas em determinados pontos, a partir dos quais elas se foram desenvolvendo independentemente, adaptando-se ao clima e à natureza geográfica do seu «habitat», e criando usos, costumes, técnicas e crenças próprias e características. Em meados do neolítico, a diferenciação já é notória e permite distinguir na Europa várias zonas de cultura bem distinta. E' por isso que não existe um neolítico uno. Ele evoluiu diferentemente ao norte e ao sul da Europa. Pode mesmo dizer-se que os processos são tantos quantos as zonas geográficas onde se fixaram esses primitivos povos.

Os períodos culturais da Escandinávia não podem ser tomados cegamente para a península ibérica, embora se verifiquem pontos de semelhança, decerto ocasionais, que não devidos a qualquer influência, dada as distâncias enormes a separarem os dois povos. E', pois, difícil, senão impossível, arranjar uma classificação válida para todo o mundo neolítico. Por outro lado, num artigo de cultura geral, parece ser desaconselhável e até pouco pedagógico descer a grandes pormenores.

Em resumo, a nós basta-nos saber que o neolítico se caracteriza pelos achados de pedra polida e que cada região apresenta certas técnicas e um processo evolutivo característicos. Podemos ainda acrescentar que foi nesta Idade que apareceram os primeiros vasos de cerâmica, a principio de fabrico rudimentar, depois valorizados por ornatos dos mais variados, alguns típicos. O saber destes tempos não se contentou em tirar partido da plasticidade das argilas, e foi mais longe, muito mais longe, fabricando pela primeira vez objectos de cobre e adornos em ouro.

Com estes conhecimentos podemos tentar alguma coisa no sentido duma classificação, a única, aliás, susceptível de universalidade e que se resume, singelamente, em considerar o neolítico assim dividido: 1.º — O proto-neolítico, onde os achados, sem serem de pedra polida, já apresentam técnicas e finalidade que permite situá-los fora da Idade da pedra lascada; 2.º — O neolítico propriamente dito, com várias gradações variáveis no espaço e no tempo; 3.º — O neolítico, marcado pelo aparecimento de achados de cobre.

E' desta matéria que iremos tratar num próximo artigo.

J. Silva Caryalho

OS CARBURANTES

e os transportes algarvios

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

pio de outros países ameaçados pela obstrução do Canal de Suez, tomou imediatas providencias, restringindo o consumo dos carburantes e elevando-lhe os preços por litro, atenuando assim a enorme despesa que provinha da dispendiosa volta que os nossos petroleiros tinham de efectuar pelo Cabo da Boa Esperança.

Tal modificação nos preços, todos nós achamos por bem, dado o acréscimo de despesas, mesmo tendo o nosso Governo declarado nos jornais, que não havia motivo de alarme, pois a reserva que existia no nosso país, chegava para o consumo nacional, e estava assegurado o transporte do precioso carburante, para as nossas refinarias.

E, de tal modo as nossas reservas eram suficientes, que, segundo informações dos jornais, dispensámos a importar quantidades de gasolina a países mais necessitados.

O que nos deixou surpreso, foi estarmos a vender gasolina a outros países, e a continuar no nosso País o aumento de preço dos carburantes, como se ainda a obstrução do Suez impedisse a vinda directa dos petroleiros para as nossas refinarias.

O aumento de preço dos carburantes, tem provocado nos transportes particulares e, principalmente, nos transportes de mercadorias, uma situação cruaente, que é mister resolver.

A zona costeira do Algarve, devido ao grande movimento das lotas de vendas de pescados trazidos pelas traineiras, obrigou a formação de grandes empresas de transportes de peixe, para po-

derem acudir às necessidades dos mercados abastecedores, das populações do centro e do norte do País.

As traineiras, com os seus potentes motores, são de um grande consumo de gasóleo e de óleos, às quais o acréscimo de preço por litro provocou situações bastante aflictivas para muitos armadores. No entanto, o Governo da Nação, sempre atento às necessidades mais imperiosas desta zona pesqueira, autorizou, pelo ministério da Economia, ao abrigo da portaria n.º 16.058 de 4 de Dezembro de 1956, uma redução de \$20 em cada litro de gasóleo destinado à indústria da pesca da sardinha.

Assim, a indústria pesqueira, viu solucionado um dos seus mais angustiantes problemas.

No entanto, as empresas de transportes de peixe continuam a comprar o carburante ao preço do mercado.

Estas empresas possuem modernos e poderosos camiões, equipados com motores diesel, que gastam grandes quantidades de gasóleo no transporte do peixe, não só para todo o Algarve como para Matosinhos, Lisboa e muitas outras terras, e fazem avultadas despesas não compensadas com os fretes, devido à concorrência, e por já se encontrarem sobrecarregadas com os impostos que incidem sobre a camionagem, indo agravar-lhes a situação económica.

Igualmente muitas empresas algarvias, possuem ainda muitos camiões e furgonetas a gasolina, veículos esses que se encontram paralisados devido ao alto custo do carburante.



CRONICAS IRREQUIETAS

XXIII

Coisas do Destino

O homem põe e Deus dispõe. Eis um ditado bem certo, que é por todos reconhecido como verdadeiro.

O Destino, às vezes, é cruel e amigo das mais fantásticas trapalhadas e barafundas. Tal é o caso que se deu com o meu amigo Serafim, rapaz calmo e de poucas falas, daquelas pessoas para quem a vida parece um fardo que bastante custa a suportar.

Eu, depois do que vou relatar, decidi nunca mais falar ou avisar-me com o Serafim. Não que eu seja amigo de intrigas ou questões, mas, palavra de honra, eu já não compreendo aquele rapaz.

Há tempos, encontrei-o a uma esquina da Rua Augusta e acenei-lhe com alegria. Ele chegou, com aquele seu ar resignado e olhar triste.

— Viva Serafim, viva o rei dos homens felizes! Então como vai a tua mulher, a rainha das esposas?

Serafim olhou-me de esguelha; e, retrahido num suspiro profundo, retorquiu:

— A minha mulher fugiu com outro...

Emudeci; a língua prendeu-se-me ao canto da boca, disse um adeus à pressa e fugi.

Tornei a vê-lo mais tarde, junto ao Chiado. Como não pude fudir a tempo, tive de cumprimentar, aproveitando a oportunidade para reparar a minha falta de tacto.

— Adeus, caro Serafim. Põe que vejo, estás resignado. Não melhor assim; essa desabergonhada não merece estar contigo. Quem sabe se tu não deitas depois? Foi melhor assim...

O Serafim olhou-me com espanto e disse-me, com ar satisfeito:

— Ela voltou há dias!... Não pude mais; a custo, disse uma desculpa e retrocedi o mais rapidamente possível.

Passou-se tempo; tornei a vê-lo, no Jardim Zoológico, no Rossio, onde, num banco, estava placidamente a assobiar.

— Olá Serafim — disse eu, resignado, sentando-me ao lado dele. — Foi bom tu lhe teres perdoado. A carne é fraca e, muitas vezes, somos nós os culpados dos erros delas. Foste generoso com esse teu acto. Tenho a certeza que vocês agora são muito mais felizes.

O Serafim olhou-me, parou de assobiar e, fechando os olhos, onde uma lágrima pequenina teimava em vir à luz do dia, disse-me:

— Ela fugiu outra vez. Agora com o merceiro. Nunca mais estive com ele. Sempre que o avisto fujo espavento.

O VOO DAS AVES

No nosso número de 22 de Setembro último publicámos uma local dando a notícia de duas gaiotas que tinham sido capturadas nesta vila, no rio Guadiana, as quais eram portadoras de anilhas e procediam de Inglaterra e Moscovo.

Os números das anilhas foram enviados para o British Museum, de Londres, pelo chefe da Delegação Aduaneira desta vila, tendo os serviços administrativos da entidade coordenadora dos anilhamentos de aves, em Londres, acusado o recebimento numa amável carta, que acompanhava uma ficha com todos os esclarecimentos acerca do anilhamento da gaiota procedente de Inglaterra.

A ave em questão pertencia à classe das «Gaiotas de manto de veludo» e foi anilhada na vila de Near Lancaster, na provincia de Lancashire, em 30 de Junho de 1957, pelo sr. R. F. Dickens, e tendo sido capturada e posta em liberdade nesta vila em 16 de Setembro do próximo passado.

A «Bird-Ringing Committee» pede a todas as pessoas que apanhem aves anilhadas o favor de lhes tirarem os números e põ-las novamente em liberdade, não devendo, no entanto, tirar-se-lhes o anel.

Tais factos precisam de solução adequada, que se resolverá com a baixa de preço dos carburantes e óleos de lubrificação, para um custo ao nível das possibilidades económicas dos consumidores.

A. de Mendonça

De vez em quando...

AERÓDROMOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ber os aparelhos que o procuram e nele fazem escala.

Há pouco mais ou menos ano e meio foram de avião para Macau minha nora e as minhas netinhas. O avião tinha marcado o momento da chegada para as 9 horas, com pouca demora para abalar de seguida. O dia envolvia-se nas franjas de uma neblina cerrada. O aparelho chegou certo, à hora prevista, sobrevoou o campo, todos nós os que lá estávamos ouvíamos o brulhar dos seus potentes motores.

Na impossibilidade de poder descer, procurou outro aeródromo em condições atmosféricas favoráveis e foi pousar em Madrid. Só de lá voltou pelas quinze horas, quando em Lisboa o dia estava mais claro.

Há aqui uma nota que, além de tudo o mais, fere o nosso patriotismo.

Não podendo pousar em Lisboa um avião, para o fazer tem de procurar local estrangeiro, embora amigo. Não há outro aeródromo que sirva na falta do nosso aeroporto principal? Parece que o recurso é construí-lo. Eu sei que é mais difícil fazê-lo do que dizê-lo. Mas o País precisa e cremos que não basta para suportar os necessários sacrifícios.

Aonde se deve efectuar essa construção?

Compete aos técnicos, livres de todas as pressões, decidir. A nós, professores, parece-nos que deverá ser o Algarve a região escolhida.

Não há nesta sugestão sombra de bairrismo doentio.

Pelo seu clima, pela sua luminosidade e por outras circunstâncias, está indicado que seja na provincia algarvia que se faça essa indispensável construção.

Não está certo que não podendo atingir Lisboa um avião tenha de procurar país estrangeiro.

Há pouco, o sr. ministro das Comunicações, dando posse ao novo Director da Aeronautica Civil, prometeu a maior contribuição para o desenvolvimento das nossas vias de ligação. Que ao esclarecido espirito dos dois illustres oficiais este problema se imponha e ele será resolvido, estamos certos, de acordo com os interesses indispensáveis da construção.

Trindade e Lima

Advertisement for PORTO RAINHA SANTA ATÉ OS ANJOS BEBEM!... RODRIGUES PINHO & C.ª Vila Nova de Gaia

Reportar & Fotografar Animai e propagar «Noticias do Algarve»

TURISMO

(INÉDITO)

Turismo, explicam todos os jornais, E' um novo filão a desbravar: Praias, Casinos, festas ao luar, E ricos casamentos e enxovais.

«Tudo isso é belo!» — dizem mães e pais. Num sonho que os obriga a delirar... Diz a vizinha do primeiro andar: — «E' tudo trigo de apanhar pardais!»

Fico indeciso. Tantas excursões, Carros modernos, raparigas novas Vestindo calças de meninos tansos...

Vão às igrejas mesmo de calções, Dando assim públicas, patentes provas... Dum bando exótico de patos gansos...

MARCOS ALGARVE